

Notas sobre as possibilidades de compreensão e de preservação das arquiteturas modernas na contemporaneidade

*Notes on the possibilities of understanding and preserving modern architecture in
contemporaneity*

*Notas sobre las posibilidades de comprensión y preservación de las arquitecturas
modernas en las circunstancias contemporáneas*

Ana Carolina BIERRENBACH

Mestre (PPGAU-UFBA – 2001); Doutora (ETSAB-UPC – 2006); atualmente é Professora Adjunta da FAU-UFBA e Professora Colaboradora do PPGAU-UFBA; acbierrenbach@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta ponderações sobre as possibilidades de compreensão e preservação das arquiteturas modernas na contemporaneidade. A primeira parte do artigo realiza uma aproximação às reflexões de dois autores que se posicionam diante da modernidade e da pós-modernidade: o filósofo Walter Benjamin (1892-1940) e o sociólogo Zygmunt Bauman (1925). Não se pretende tratar desses autores exaustivamente, nem traçar convergências ou divergências nas suas interpretações sobre os temas tratados. Pretende-se apenas tomar certos pontos colocados pelos autores que possam auxiliar nas ponderações propostas. A segunda parte do artigo apresenta considerações sobre as arquiteturas modernistas, sobre suas concepções e recepções, procurando compreender as relações que essas arquiteturas tecem com as cidades que passam por um processo de modernização. O artigo realiza o mesmo procedimento para entender as arquiteturas contemporâneas – tanto as “formais” quanto as “informais” e suas relações com as cidades. Nas duas situações toma-se como ponto de partida o caso de Salvador, compreendendo-se que muitos dos processos e resultados referentes às produções arquitetônicas modernas e contemporâneas nacionais acontecem de modo similar nas circunstâncias soteropolitanas, possibilitando uma compreensão mais ampla do tema examinado a partir do estudo de um caso específico.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna, arquitetura contemporânea, preservação.

ABSTRACT

This article presents considerations about the possibilities to understand and preserve modern architecture in contemporary society. The first part of the paper makes some notes about two authors that study the conditions of modernity and postmodernity: the philosopher Walter Benjamin (1892-1940) and the sociologist Zygmunt Bauman (1925). It is not intended to treat exhaustively the work of these authors, nor to indicate similarities or differences about their interpretations of the themes presented in the article. It is intended only to discuss some themes mentioned by the them that can help on

understanding the articles proposals. The second section presents some considerations about modernist architecture, their conceptions and receptions, seeking to understand the relationships between these architectures and the cities that undergo a process of modernization. The paper makes the same procedure to understand the contemporary architecture - both the "formal" and the "informal" and their relationship with the cities. In both cases the article takes as its starting point the case of Salvador.

KEY-WORDS: *modern architecture, contemporary architecture, preservation*

RESUMEN:

El artículo presenta consideraciones acerca de las posibilidades de comprensión y preservación de las arquitecturas modernas en la contemporaneidad. La primera parte del artículo introduce las reflexiones de dos autores que tratan de la modernidad y de la posmodernidad: el filósofo Walter Benjamin (1892-1940) y el sociólogo Zygmunt Bauman (1925). No se pretende examinar de manera exhaustiva las obras de estos autores, ni establecer similitudes o diferencias de sus interpretaciones sobre los temas tratados en el artículo. Se trata simplemente de tomar sus reflexiones como un punto de apoyo para la elaboración del presente texto. La segunda parte del artículo presenta consideraciones sobre las arquitecturas modernistas, sobre sus concepciones y recepciones, tratando de entender las relaciones que esas arquitecturas establecen con las ciudades que pasan por procesos de modernización. El artículo hace lo mismo para entender las arquitecturas contemporáneas – las "formales" y las "informales" y sus relaciones con las ciudades. En las dos situaciones se parte del caso de la ciudad de Salvador de Bahía, teniendo en cuenta que muchos de los procesos y resultados relacionados con las producciones arquitectónicas modernas y contemporáneas nacionales son similares a las circunstancias locales, posibilitando una comprensión más amplia del tema examinado a partir de un caso específico.

PALABRAS-CLAVE: *arquitectura moderna, fotografía, modernización y modernismo*

1 INTRODUÇÃO:

Este artigo apresenta ponderações sobre as possibilidades de compreensão e preservação das arquiteturas modernas na contemporaneidade. A primeira parte do artigo realiza uma aproximação às reflexões de dois autores que se posicionam diante da modernidade e da pós-modernidade: o filósofo Walter Benjamin (1892-1940) e o sociólogo Zygmunt Bauman (1925). Não se pretende tratar desses autores exaustivamente, nem traçar convergências ou divergências nas suas interpretações sobre os temas tratados. Pretende-se apenas tomar certos pontos colocados pelos autores que possam auxiliar nas ponderações propostas. A segunda parte do artigo apresenta considerações sobre as arquiteturas modernistas, sobre suas concepções e recepções, procurando compreender as relações que essas arquiteturas tecem com as cidades que passam por um processo de modernização. O artigo realiza o mesmo procedimento para entender as arquiteturas contemporâneas – tanto as "formais" quanto as "informais" e suas relações com as cidades. Nas duas situações toma-se como ponto de partida o caso de Salvador, compreendendo-se que muitos dos processos e resultados referentes às produções arquitetônicas modernas e contemporâneas nacionais acontecem de modo similar nas circunstâncias soteropolitanas, possibilitando uma compreensão mais ampla a partir do estudo de um caso específico.

2 – PONDERAÇÕES SOBRE AS CIRCUNSTÂNCIAS MODERNAS E PÓS-MODERNAS

A Walter Benjamin é um dos principais autores a se debruçar sobre modernidade. Trata com especial atenção como as circunstâncias da modernidade interferem na recepção das obras artísticas e arquitetônicas. O autor afirma que as condições de urbanização, massificação e industrialização provocam o enfraquecimento de um tipo de percepção individual e contemplativo e promovem um fortalecimento de uma percepção coletiva, distraída e descontínua das obras artísticas e arquitetônicas. Mas Benjamin aponta que a arquitetura apresenta uma especificidade: sua condição de uso constante demanda sempre uma recepção mais desconcentrada.ⁱ No seu entender apenas diante da contemplação de monumentos arquitetônicos aciona-se um mecanismo de recepção diferenciado, de caráter mais individual e contemplativo.

Benjamin afirma que existe outro fator que interfere nas condições de recepção da arte e da arquitetura na modernidade: a introdução do valor da novidade. No mundo moderno os cidadãos passam a experimentar as sensações de transitoriedade e fugacidade, em contraposição às sensações de permanência e persistência vigentes anteriormente. O indivíduo moderno vive se deparando com novas situações e percepções. Nessas circunstâncias, a novidade assume relevância. Mas esse novo só se estabelece a partir do seu contraponto, que é o antigo. O novo – representado pelo aparecimento da moda – é superado rapidamente, tornando-se obsoleto. Assim, o novo está destinado a se transformar no seu oposto, o antigo. Esse envelhecimento é premeditado, uma vez que os produtos modernos são realizados com escassa durabilidade para serem sempre substituídos por outros.

Diante dessas circunstâncias, torna-se complexa a fixação de qualquer continuidade histórica. Essa situação também é esclarecida por Benjamin, principalmente em dois ensaios: “Experiência e pobreza”, de 1933 e “O narrador” de 1929-1935. No primeiro ensaio o filósofo faz comentários sobre as arquiteturas de vidro realizadas por Le Corbusier e outras de vidro e aço executadas pela Bauhaus. Afirma: “não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas em vidro não têm nenhuma aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério”.ⁱⁱ O vidro e o aço, materiais modernos por excelência, não possibilitam a permanência dos rastros humanos. Para Benjamin, representam a dificuldade da transmissão de uma experiência autêntica nas condições da modernidade. A experiência a qual se refere (Erfahrung) é transmitida prioritariamente de modo coletivo, é marcada pela continuidade e repetição e causa um impacto no consciente mas principalmente no inconsciente das pessoas. Nas condições da modernidade essa experiência se torna uma raridade e é substituída pela vivência. Na civilização moderna, os cidadãos enfrentam constantes choques que acionam as suas vivências (Erlebings).ⁱⁱⁱ Ao contrário da experiência, a vivência tem instâncias mais individuais, que atuam nas camadas mais imediatas e superficiais da consciência. Nas metrópoles modernas, os circuitos de informação e os fluxos de comunicação demandam a ativação dessa vivência imediata e efêmera, que não é assimilada profundamente. Estabelece-se uma dificuldade de uma narração efetiva, que afeta diversos âmbitos existenciais.

Apesar dessas observações de Benjamin sobre essas dificuldades de transmissão do patrimônio, o texto “O narrador” indica uma saída. Segundo Gagnebin, esse texto constata o fim de narração tradicional, mas também esboça “a ideia de uma outra narração, uma narração das ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição”. (Gagnebin, 2006:53) Através dessa outra narrativa, torna-se possível outro tipo de apropriação

das vivências, dando-lhes parte da relevância das experiências. Trata-se de esboçar uma aproximação sobre esses rastros esfumados da tradição, principalmente sobre tudo aquilo que parece não mais fazer sentido no presente. Para Gagnebin, essa situação pode ser expressa no conceito de rememoração:

“Tal rememoração (...) abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalado, para dizer, com hesitações, (...) incompletude, aquilo que ainda não teve o direito nem às lembranças, nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer o passado, mas também de agir no presente.” (GAGNEBIN, 2006: 55)

Zigmunt Bauman tem uma percepção diferenciada sobre as circunstâncias da modernidade. Separa-a em dois momentos, o da modernidade sólida (ou modernidade) e o da modernidade líquida (ou pós-modernidade).^{iv} O autor não trata especificamente da situação da arquitetura nesses dois momentos, mas menciona a condição da arte. Entretanto, sua aproximação pode trazer elementos para que se compreenda a posição da arquitetura nessas fases da modernidade. Se, tal como afirma Benjamin, a modernidade traz mudanças relacionadas com a aceleração da experiência espaço-temporal, Bauman afirma que embora isso possa acontecer, na modernidade sólida perduram instâncias que tornam essa experiência mais consistente e permanente. Para o autor, apenas com a instalação da modernidade líquida acontece uma transformação mais contundente dessa experiência, que modifica de forma profunda a relação espaço-tempo.

Bauman utiliza uma metáfora relacionada com os meios sólidos e fluidos para explicar a distinção entre essas duas fases da modernidade. Afirma que na modernidade sólida os espaços são mais constantes, mantendo suas características no transcorrer do tempo. Na modernidade líquida acontece uma inversão desses fatores e os espaços deixam de perdurar. Nesse caso, o espaço tende a não permanecer o mesmo e está sempre apto a ser transformado. Assim, na modernidade líquida, a instância temporal passa a ter mais importância do que a espacial. Tal como afirma Bauman, o curto prazo passa a substituir o longo prazo. (BAUMAN, 2000: 134)

A transição da modernidade sólida para a líquida decorre de uma série de fatores que são explicados pelo autor. Mas interessa chamar atenção apenas sobre determinados pontos da sua argumentação. Na modernidade sólida, a permanência dos espaços decorre da existência de uma estrutura sólida, fixada em um mundo ordenado, coordenado por uma racionalidade instrumental. Na modernidade líquida a transformação dos espaços advém da inexistência de tal estrutura capaz de ordenar o mundo, de dotá-lo de referências permanentes. Nessas circunstâncias as instâncias de racionalidade existentes anteriormente são substituídas por outras, muito mais relacionadas com impulsos pessoais. Assim as demandas da sedução vão substituindo as leis da necessidade. O autor relaciona isso com as próprias transformações do capitalismo e a presença cada vez mais dominante do mercado. Nesse sentido, a instabilidade dos espaços no decorrer do tempo passa a se adequar perfeitamente às dinâmicas de saturação e substituição do capitalismo tardio.

E, assim como Walter Benjamin afirma em relação à modernidade, Zigmunt Bauman comenta que a noção de continuidade histórica passar por um choque profundo durante a modernidade líquida. Os cidadãos se posicionam apenas temporariamente nos espaços, sendo incapazes de estabelecerem relações duradouras entre si ou com os seus contextos. Suas experiências são pontuais, intensas no presente, mas completamente desconectadas do

passado ou do futuro. A história passa então a se fixar em um presente contínuo, que se conecta arbitrariamente com outros presentes instantâneos. Nesse sentido, a dificuldade da efetivação de uma narração assinalada por Benjamin também pode ser detectada nas afirmações de Bauman.

Mas o autor assinala que na modernidade líquida acontece uma variação na relação entre espaço e tempo. Dentro dos próprios mecanismos do capitalismo há espaços que conseguem perdurar no decorrer do tempo. Isso acontece porque existe uma parcela da sociedade que participa do capitalismo, mas padecendo das suas conseqüências. Nesse sentido o autor aponta que se detém a dinâmica de transformação e substituição por ele assinaladas:

“Os poderosos de hoje são aqueles que repelem e evitam o durável e celebram o efêmero, enquanto aqueles que ocupam os lugares mais baixos (...) lutam desesperadamente para conseguirem que suas frágeis, vulneráveis e efêmeras provisões durem mais.” (BAUMAN, 2000: 19)

As ponderações de Bauman sobre as fases da modernidade têm claras diferenças com as reflexões de Benjamin. Mas as modificações na relação entre o espaço e o tempo e suas conseqüências para as experiências dos cidadãos modernos e pós-modernos colocadas pelos autores podem auxiliar na compreensão tanto das arquiteturas modernas e pós-modernas e nas indagações sobre as possibilidades de preservação das primeiras.

3 – CONCEPÇÕES E RECEPÇÕES DAS ARQUITETURAS MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS

Nas cidades contemporâneas do Brasil as arquiteturas modernistas^v ainda são presenças marcantes. Mas apesar dessas arquiteturas existirem, na maior parte das circunstâncias encontram-se em precários estados de conservação ou prestes a desaparecerem. No entender da maior parte da população essas arquiteturas não têm como serem reapropriadas e reinseridas nos processos da cidade contemporânea. A situação do patrimônio modernista soteropolitano é uma clara demonstração dessa situação. Mesmo edifícios que possuem seu mérito reconhecido – como no caso do Edifício Caramuru e da Escola Parque^{vi} – não passam por intervenções apropriadas capazes de manter suas principais características intactas. Outros tantos edifícios modernistas da cidade passam pela mesma situação, mas estão em situações ainda mais precárias. Outros são simplesmente demolidos, demonstrando as suas dificuldades para se situarem dentro das dinâmicas presentes, como no caso conhecido do Estádio da Fonte Nova. Mas há que se considerar que as arquiteturas modernistas ainda existem e que constituem uma importante parte do patrimônio edificado local. Para que se possa entender essa situação e a possibilidade da sua modificação, considera-se fundamental a compreensão dos processos de concepção e recepção das arquiteturas modernas e contemporâneas.

As arquiteturas modernistas soteropolitanas são muito influenciadas por concepções funcionalistas. Suas concepções partem do entendimento que a forma deve proceder da função. Assim, a forma é concebida de modo a atender do modo mais funcional possível às demandas do programa e a outros fatores que possam interferir no projeto. As soluções estruturais são constantemente expostas, explicitando as lógicas projetuais. O espaço é outro fator determinante para essas arquiteturas. A concepção espacial não se dá de modo

independente dos outros elementos arquitetônicos, mas simultaneamente a eles. A forma é considerada como um resultado da aplicação de todos esses princípios arquitetônicos.

No contexto da modernização soteropolitana, acontece a substituição de arquiteturas com características tradicionais por outras modernistas. Essas últimas são instaladas em inúmeros pontos da cidade, tanto nos setores consolidados como nos incipientes. Inicialmente as suas características inusitadas chamam a atenção, causando rupturas com as arquiteturas preexistentes e seus contextos. Essas arquiteturas contrastantes tornam-se importantes marcos no cenário da metrópole em expansão. Posteriormente se consolidam na cidade, constantemente aplicando de forma superficial os princípios modernos. A reaplicação das mesmas soluções arquitetônicas as torna pouco impactantes. Tornam-se moda e por tanto estão destinadas à superação. Existem poucas exceções de soluções mais qualificadas que deixam marcas e se consolidam como referências mais permanentes para os cidadãos soteropolitanos.

As concepções modernistas valorizam tanto as apropriações mais superficiais da arquitetura, de impacto predominantemente ocular, como outras de caráter mais profundo, que demandam a utilização de outras percepções por parte dos usuários. A princípio, trata-se de fomentar uma experiência arquitetônica mais completa, capaz de reter as atenções das pessoas para as características intrínsecas da arquitetura. Mas, paradoxalmente, as arquiteturas modernas mostram-se incapazes de manter seu poder de atração no decorrer do tempo. Embora inicialmente possam atrair os usuários, essa situação tende a se extenuar. Uma explicação para essa situação pode ser dada pelo fato dessas arquiteturas se concentrarem precisamente na ideia da autonomia da obra arquitetônica, dificultando que os usuários estabeleçam relações entre essas arquiteturas e outras referências. Tal como sugere Benjamin, essas arquiteturas não são capazes de manter os rastros do passado ou apontar pistas para o futuro...

A superação das propostas arquitetônicas modernistas está também relacionada com o condicionamento conceitual da relação entre a forma e a função. Se a cada função corresponde uma forma específica, então supostamente se torna difícil que as arquiteturas modernistas possam perdurar no transcorrer do tempo, adaptando-se a outros usos possíveis. A forte conexão entre a forma e a função suscita a possibilidade da superação e da substituição dessas arquiteturas por outras mais adaptadas às novas demandas, e não a sua adaptação a usos diferenciados.

Se os exemplares arquitetônicos modernistas se inserem nessa dinâmica de superação e substituição, o mesmo não se pode dizer dos princípios que os orientam. Esses têm a intenção de persistirem no transcorrer do tempo, de serem reutilizados em diferentes momentos e circunstâncias. Embora esses princípios possam passar por transformações e adaptações, há uma base predominante que perdura. De fato, considera-se que há uma base racional do processo de criação arquitetônica que é permanente e que só deve ser modificada dentro de orientações preliminarmente determinadas. Assim, pode-se conectar a estrutura conceitual da arquitetura modernista aos parâmetros da modernidade sólida definidos por Bauman. Mas também há que se considerar de que o resultado arquitetônico encontra-se desde um primeiro momento submetido à noção de saturação e substituição, relacionando-se assim mais aos parâmetros da modernidade líquida.

Parece existir uma contradição que afeta a concepção da história relacionada com a produção arquitetônica modernista. Existem certos preceitos arquitetônicos que pretendem perdurar no decorrer do tempo que simultaneamente sustentam a impossibilidade das permanências das arquiteturas modernistas. Tais preceitos indicam que a arquitetura deva responder da forma mais apropriada às demandas e aos meios técnicos existentes na sua própria época. É nesse sentido que se estabelece uma relação entre o presente e o futuro. E por isso mesmo existe uma dificuldade de que as soluções arquitetônicas do presente possam perdurar no futuro... Percebe-se assim que as arquiteturas modernistas têm as suas maiores potencialidades concentradas nos presentes e não no passado. O futuro é uma promessa de adequação das arquiteturas às circunstâncias do seu próprio presente. Essa situação fixa a história nas dimensões presentes, desconectadas do passado ou do futuro. E, paradoxalmente, auxilia a compreender a rápida superação da influência dos preceitos modernos.

Os modos de concepção e apropriação das arquiteturas modernistas também são influenciados pelos processos de modernização das cidades. Os processos de urbanização, massificação e industrialização que acontecem em outras cidades também são acionados em Salvador. A partir de meados do século XIX a cidade começa a passar por esses processos, mas a industrialização propriamente dita acontece mais tardiamente. Nessas circunstâncias a cidade passa a contar com muitos estímulos que distraem a atenção dos cidadãos. É a partir desse momento que passa preponderar o tipo de percepção mencionado por Benjamin, que possui um caráter superficial e descontínuo e que mantém sua atuação até a contemporaneidade. Nas circunstâncias da modernização aciona-se esse tipo de percepção que apenas consegue deter a atenção dos apressados transeuntes por determinados instantes. Evidentemente tal situação interfere na apreensão da arquitetura modernista, que também passa a ser captada do mesmo modo.

As soluções arquitetônicas modernistas perdem muito da sua influência na contemporaneidade. Em Salvador essa situação é ainda mais marcante. Na atualidade a cidade apresenta arquiteturas diferenciadas, de caráter formal e informal.^{vii} Essas arquiteturas estabelecem muitas descontinuidades com os princípios arquitetônicos modernistas, mas, paradoxalmente, estabelecem continuidades com certos tipos de percepção acionados a partir da modernidade.

As arquiteturas formais soteropolitanas não são executadas a partir de um corpo de princípios definidos. Mas existem certos princípios que se repetem e que interferem nos resultados arquitetônicos. Entre esses, constata-se que existe uma escassa relação entre forma e função. A resolução da característica formal não está especificamente relacionada com a solução das demandas funcionais. Há um predomínio da forma, mas essa é entendida de um modo muito superficial, com a fixação da maior potencialidade arquitetônica nas fachadas dos edifícios. Essas fachadas são realizadas com a introdução de referências arquitetônicas extraídas de diferentes tradições, com a inserção de elementos abstratos, apresentando constantemente tratamentos superficiais, volumes destacados e cores fortes. Em muitas circunstâncias as fachadas se transformam em superfícies com letreiros destinados a transmitir informações. As soluções arquitetônicas materiais, estruturais e espaciais não costumam a ser evidenciadas, mas sim escamoteadas.

Os espaços arquitetônicos não são tratados com atenção, tornando-se pouco atraentes para a permanência dos usuários. Se os espaços não respondem às demandas dos usuários resta-lhe a possibilidade de tentar adaptá-los ou simplesmente descartá-los e substituí-los por outros,

que possivelmente terão características semelhantes. Essa substituição é uma opção pessoal. Mas as opções de descarte e substituição estão sempre sendo colocadas para os usuários, que são atizados pelas possibilidades de ter acesso a outras arquiteturas mais atraentes, mas igualmente superficiais.

As arquiteturas formais pretendem ter uma presença marcante no cenário da cidade contemporânea. No primeiro momento em que aparecem rompem com os padrões preexistentes tornando-se importantes referências.^{viii} Mas no decorrer do tempo as mesmas soluções se repetem na cidade, com alterações sobre os mesmos temas, tornando-se moda. O excesso das mesmas soluções arquitetônicas realizadas simultaneamente acaba fazendo com que cada edifício perca quase imediatamente seu impacto inicial, aparecendo outro que concentra as atenções dos cidadãos momentaneamente e assim sucessivamente. Acontece a dispersão dessas arquiteturas formais pela cidade e existem poucas exceções de soluções que tenham a capacidade de deter a atenção dos cidadãos. Essa situação remete diretamente às ponderações formuladas por Bauman sobre as características da modernidade líquida.

Os princípios que conduzem as concepções das arquiteturas formais soteropolitanas se definem a partir de um reconhecimento de dimensões arquitetônicas superficiais, de caráter predominantemente ocular, em detrimento de outras de caráter mais profundo. Essa situação interfere na recepção dessas arquiteturas por parte dos usuários. Essas arquiteturas não são capazes de suscitar conexões com si próprias, com outras arquiteturas ou com seus contextos. Suas características acentuam a ideia da incapacidade de retenção das arquiteturas no tempo e da necessidade da sua superação contínua.

Apesar das arquiteturas formais não serem feitas a partir de um corpo de conceitos definidos e constantes, nota-se que existe uma persistência na utilização de determinados princípios. Essa situação não se limita às circunstâncias soteropolitanas, mas estende-se em outros pontos do território nacional. Isso não exclui a aplicação de outros corpos conceituais com outras determinações, como no caso de certas arquiteturas contemporâneas nacionais que se estabelecem a partir de soluções relacionadas com a reutilização de princípios arquitetônicos modernistas. Mas essa não é certamente a opção predominante no país.

Os modos de produção e de recepção das arquiteturas formais assinalam uma determinada concepção da história. Essa se relaciona com a predominância do presente em detrimento do passado ou do futuro. As arquiteturas formais não pretendem se relacionar com o passado ou indicar o futuro (embora essas indicações futuras de fato aconteçam, pela própria repetição incessante das mesmas soluções). Todo o potencial arquitetônico está lançado em um presente que deve ter um impacto imediato, mas que pode ser imediatamente superado. Essa situação não facilita a narração das histórias dessas arquiteturas ou das suas relações com os seus contextos. A única narração possível é a das suas próprias imanências definidas em um presente perpétuo.

Mas a maior parte do território soteropolitano está constituída por arquiteturas de caráter informal. Assim como acontece com as arquiteturas formais, as informais também não se definem a partir de um corpo conceitual preliminar. Mas também há determinados procedimentos que são constantemente repetidos. A forma também não acompanha a função propriamente dita. Ao menos não do modo como essa relação costuma a ser tratada dentro dos princípios difundidos pela arquitetura modernista. Mas pode-se afirmar que a forma proceda predominantemente da necessidade. As soluções materiais, estruturais e espaciais

são deixadas expostas para atender às limitações de custos. A forma resultante deixa explícitos os diversos elementos constituintes dessas arquiteturas, mostrando a escassez dos meios das suas produções. Nesse caso, as fachadas são apenas um elemento a mais dessas arquiteturas.

No cenário metropolitano essas arquiteturas marcam presença não por romperem com referências preexistentes ou por chamarem atenção sobre suas características intrínsecas, mas por constituírem uma enorme massa arquitetônica indiscriminada. Ao contrário das arquiteturas formais que são criadas com a intenção de chamarem atenção na cidade, as arquiteturas informais não têm essa pretensão e desde que são construídas espalham-se nos seus contextos.

Mas, ao contrário do que acontece com as arquiteturas formais, as arquiteturas informais são mais propícias à permanência dos usuários. Essa situação não se dá por causa das potencialidades inerentes aos espaços existentes ou por suas capacidades de propiciar sensações diferenciadas. A permanência se dá pelo modo como os usuários se apropriam desses espaços, adaptando-os às suas necessidades. Os espaços tornam-se flexíveis e passíveis de serem transformados no decorrer do tempo. Assim, são as próprias limitações dos usuários que determinam as suas permanências nesses espaços. Essa situação também remete às ponderações de Bauman sobre a existência de determinadas permanências que acontecem nas circunstâncias da modernidade líquida.

Os princípios utilizados para a concepção dessas arquiteturas não estimulam apreensões mais superficiais ou mais aprofundadas por parte dos usuários. A determinação dessas recepções dessas arquiteturas é fundamentalmente o uso cotidiano. Diante de situações de precariedade, acentua-se a ideia de adaptação e limita-se a de descarte e substituição. Constantemente a opção pela permanência dessas arquiteturas não é uma opção pessoal, mas uma necessidade.

Do mesmo modo que ocorre com as arquiteturas formais, não há uma intenção de que exista uma continuidade na aplicação dos princípios arquitetônicos e nem propriamente uma consciência da sua existência. O que existe é uma atuação prática que indica procedimentos que se repetem com certa frequência. Esses tipos de conduta também não são exclusivos de Salvador, podem ser encontrados em todo o país.

Há que se considerar que os modos de concepção e apropriação dessas arquiteturas formais e informais são muito condicionados pelas próprias dinâmicas da cidade contemporânea. Os cidadãos encontram-se um estado de excitação permanente. Acentuam seus fluxos entre pontos dispersos da cidade, apropriando-se de infra-estruturas urbanas diferenciadas. No decorrer dos seus deslocamentos são expostos a uma série de estímulos individuais (celulares, iphones, ipads, mp3s, etc.) ou coletivos (veículos transitando, sinais de trânsito, propagandas, etc.). Nessas circunstâncias as percepções dos cidadãos acontecem de um modo distraído e descontínuo. Suas atenções são captadas apenas por poucos instantes, mas imediatamente são transferidas para outros elementos mais estimulantes. Assim, as assimilações das arquiteturas por parte das massas – tanto das formas quanto das informais – acontece principalmente a partir da captação de partes suas que possam chamar a atenção – uma apropriação transitória que é rapidamente substituída por outra e assim sucessivamente.

Mas não são apenas as recepções dessas arquiteturas que são afetadas pela diminuição da duração, a concepção também é. Dentro dos mecanismos da cidade capitalista contemporânea, existe uma celebração do caráter efêmero das coisas que afeta a criação

arquitetônica, principalmente das arquiteturas formais. Assim, ao contrário do que acontece com as arquiteturas informais, as formais tendem a sucumbir às seduções capitalistas, relacionando-se plenamente com as características da modernidade líquida comentada por Bauman.

4 – POSSIBILIDADES DE COMPREENSÃO E DE PRESERVAÇÃO DAS ARQUITETURAS MODERNAS NA CONTEMPORANEIDADE

As características das concepções e recepções das arquiteturas modernistas e contemporâneas podem auxiliar na compreensão das dificuldades e possibilidades de preservação das primeiras nas circunstâncias contemporâneas.

Percebe-se que a dificuldade para a conservação das arquiteturas modernistas decorre muito das características das suas próprias concepções. Embora os conceitos que as definem tenham a intenção de perdurar no transcorrer do tempo, suas aplicações desde o princípio não têm. Essas arquiteturas são realizadas com a pretensão de serem superadas e trocadas. E há que se considerar que suas próprias potencialidades intrínsecas – suas características formais, espaciais, técnicas e materiais – não atraem mais os usuários. Esses não estão mais acostumados a perceber e a entender a complexidade dessas soluções arquitetônicas modernistas.

Mas essa dificuldade não se limita às características intrínsecas às concepções modernistas. Estende-se certamente para as concepções e recepções das arquiteturas que constituem as metrópoles contemporâneas. Nesse caso, chama-se atenção para a criação das arquiteturas formais atuais, que têm nos seus conceitos e práticas a ideia de superação incorporada. Isso certamente influencia para que não se considere que outras arquiteturas tenham maior capacidade de perdurar no transcorrer do tempo. Outros fatores que tornam mais complicada a conservação das arquiteturas modernistas são as próprias características das arquiteturas formais, que estimulam apropriações de elementos muito diferenciados daqueles presentes nas arquiteturas modernistas, constantemente muito mais superficiais. O mesmo pode ser dito das arquiteturas informais.

Entretanto, os modos de apropriação das arquiteturas informais podem auxiliar para que se encontre uma possibilidade para a conservação das arquiteturas modernistas. As primeiras têm a capacidade de se adaptarem às necessidades dos usuários, possibilitando que sejam mantidas no decorrer do tempo. Há que se considerar que nas condições do mundo contemporâneo, com crises relacionadas à saturação dos recursos materiais e naturais, a possibilidade de conservação desses elementos se faz cada vez mais necessária. As arquiteturas informais estão plenamente adaptadas a essa situação de escassez. E nesse sentido podem colaborar para que se perceba a necessidade e a possibilidade que as arquiteturas modernistas sejam reincorporadas nas dinâmicas da cidade contemporânea.

Para que as arquiteturas modernistas possam ser novamente apropriadas, talvez seja necessário tirar partido dos próprios recursos perceptivos vigentes desde a modernidade e que continuam perdurando na contemporaneidade. Tal como sugere Benjamin, a arquitetura é apreendida principalmente pelo seu uso repetido, de forma desatenta e descontínua. Trata-se então de fazer com que os cidadãos possam voltar a habitar e a se habituarem às características específicas dos edifícios modernistas – tanto dos mais notórios como dos

demais. Que as suas recuperações e restaurações possibilitem que os cidadãos possam novamente se acostumar a apreciar suas qualidades arquitetônicas. Que possam incorporá-los nos seus cotidianos e progressivamente passar a reconhecê-los, relacioná-los e conectá-los com seus contextos espaciais e temporais. A retomada das plenas potencialidades dessas arquiteturas pode possibilitar que deixem de estar situadas em um presente contínuo, desconectado do passado e do futuro e que possam voltar a contar as suas histórias de um modo transformador e perturbador. Através da vivência dessas arquiteturas, pode-se abrir uma possibilidade diferenciada para que suas experiências sejam relatadas. Para que tanto o presente quanto o passado e o futuro possam ser experimentados plenamente e criticamente.

5 – REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I – Magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II – Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CORRÊA, Elyane L. Urbanizações temáticas – arquiteturas do desejo. In: *Cadernos do PPGAU-UFBA – Atlas histórico de cidades*. Salvador, EDUFBA, 2007. p.49-59.
- MAGNAVITA, Pasqualino. Axé Architecture – a pós-modernidade na Roma negra. In: *Revista Arquitetura e Urbanismo*, v.60, Salvador, 1995. p. 82-85.
- SAMPAIO, Antônio Heliodório. *10 necessárias falas: cidade, arquitetura e urbanismo*. Salvador, EDUFBA, 2011.

NOTAS

ⁱ Para Benjamin, a arquitetura comporta uma dupla recepção por parte dos usuários: pelo uso e pela percepção: “Em outras palavras, por meios táteis e óticos. Não podemos compreender a especificidade dessa reação se a imaginarmos segundo o modelo de recolhimento, atitude habitual do viajante diante dos monumentos célebres. Pois não existe nada na recepção tátil que corresponda ao que a contemplação representa na recepção ótica. A recepção tátil se efetua menos pela atenção que pelo hábito. No que diz respeito à arquitetura, o hábito determina em grande medida a própria recepção ótica” Ver: (BENJAMIN, 1993: 193)

ⁱⁱ Ver: (BENJAMIN, 199: 117)

ⁱⁱⁱ O conceito de choque é explicado a partir da diferenciação entre a recepção de uma obra cinematográfica e de uma obra de arte: “Na primeira, a imagem se move, mas na segunda, não. Esta convida o espectador à contemplação; diante dela pode abandonar-se às suas associações. Diante de um filme, isso não é mais possível. A associação de ideias do espectador é interrompida imediatamente, com a mudança da imagem. Nisso se baseia o efeito de choque provocado pelo cinema. O choque precisa ser interceptado por uma atenção aguda. O cinema é a forma de arte correspondente aos perigos existenciais mais intensos com os quais se depara o homem contemporâneo. Ele corresponde a metamorfoses profundas do aparelho perceptivo, como as que experimenta no passante, numa escala individual, quando enfrenta o tráfico.” Ver: (BENJAMIN, 1993: 192).

^{iv} Este artigo está baseado em dois livros de Bauman, *O mal estar da pós-modernidade* (publicado originalmente em 1997) e *Modernidade líquida* (publicado originalmente em 2000). Constata-se que no primeiro livro o autor ainda não utiliza o termo *modernidade líquida* para se referir ao período mais recente, optando pelo termo pós-modernidade. No segundo livro aparecem os termos *modernidade sólida* (equivalente a modernidade) e *modernidade líquida* (equivalente a pós-modernidade). No segundo livro o autor estabelece novas distinções entre os dois períodos. Ver: BAUMAN, 1998 e BAUMAN, 2001.

^v Embora se entenda que a arquitetura modernista também compreenda outras tendências arquitetônicas da modernidade que se posicionam frente à modernização e à modernidade – como é o caso da denominada arquitetura *déco*, nesse texto o termo está sendo utilizado especificamente para tratar da arquitetônica de caráter funcionalista difundida principalmente por Le Corbusier e pela denominada “Escola Carioca”.

Teorias e práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas
Complexidade, Mobilidade, Memória e Sustentabilidade
Natal, 18 a 21 de setembro de 2012

^{vi} Edifício Caramuru – projeto de Paulo Antunes Ribeiro, 1946-1949; Escola Parque – projeto de Diógenes Rebouças, 1947-1956.

^{vii} As arquiteturas “formais” são entendidas como aquelas realizadas a partir de projetos preliminarmente definidos, que contam com os recursos apropriados para a sua realização e com a atuação de profissionais da construção civil. As arquiteturas “informais” são compreendidas como aquelas feitas sem projetos concebidos com antecipação, com escassos recursos e sem a participação direta de profissionais da área. Constatou-se que a maior parte de Salvador é formada por essa arquitetura informal e apenas uma pequena parcela pela arquitetura formal. Ver: (CORRÊA, 2007: 57)

^{viii} A superação dos limites tradicionais de Salvador e seu crescimento em direção ao Iguatemi e ao CAB também implicam em uma progressiva superação das influências modernistas e a incorporação das tendências arquitetônicas pós-modernas.